



Marcovaldo, de Ítalo Calvino: sobre a busca e a (im)possibilidade do convívio ecológico

Márcio Matiassi Cantarin

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Av. Sete de Setembro, 3165, 80230-901, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: cantarin@gmail.com

RESUMO. Ao considerar, com Cheryll Glotfelty, que “[...] *ecocriticism seeks to evaluate texts and ideas in terms of their coherence and usefulness as responses to environmental crisis*” (1996, p. xx), e entendendo que a referida crise diz respeito não apenas à ecologia do meio ambiente, mas também à das relações sociais e da *psique*, como elucida Félix Guattari (1990), este texto pretende explorar o discurso de Ítalo Calvino nos contos de *Marcovaldo ovvero Le stagioni in città* (1963), como resposta à crise ecológica resultante da conjuntura instável que a sociedade humana experimenta na presente fase da modernidade. Além das ideias dos dois teóricos já mencionados, serão utilizadas as de Greg Garrard (2006) e de Michel Serres (1991). Não se pretende, a respeito da obra referida, esgotar qualquer possibilidade de análise; antes, pretende-se dar indicações que possam servir de base a outros estudos, posto que cada conto da coletânea guarda um grande potencial para leitura ecocrítica e, portanto, para uma resposta em termos de conscientização sobre a crise ecológica, advinda senão da crise de percepção do lugar do homem na natureza.

Palavras-chave: ecosofia, ecocrítica, literatura e meio ambiente.

Marcovaldo, by Ítalo Calvino: on the search and (in)ability of ecological coexistence

ABSTRACT. Cheryll Glotfelty when considering that “[...] *ecocriticism seeks to evaluate texts and ideas in terms of coherence and usefulness of responses to environmental crisis*” (1996, p. xx), as well as understanding that the crisis concerns not only the ecology of the environment, but also the social relations and the psyche, as understood by Felix Guattari (1990), this text intends to explore Ítalo Calvino's speech on the tales of *Marcovaldo ovvero Le stagioni in città* (1963) as a response to the ecological crises due to the unstable situation in which society finds itself facing in the current period of modernism. Besides the two theorists already mentioned, Greg Garrard (2006) and Michel Serres' ideas (1991) will be used. The idea is not to exhaust any possibility of analysis of the presented work, but to give indications which may form the basis for other studies, once each tale of the collection holds great potential for ecocriticism analysis and therefore, for the response to the level of awareness of the ecological crisis, arising from the perception crisis of man's place in nature

Keywords: ecosophy, ecocriticism, literature and environment.

Introdução

O público [...] busca no romance o desencontro do homem e da mulher com a sociedade, consigo próprio, com os outros, com Deus e a vida e a miséria e o desespero das inaptações (Maria Archer, 1956, p. 44).

*Marcovaldo ovvero Le stagioni in città*¹, do italiano Ítalo Calvino (escrito entre 1952 e 1963), foi publicado originalmente em 1963. É composto por vinte contos que podem ser lidos separadamente, sem qualquer prejuízo para o entendimento da fábula, pois são independentes entre si, como é de se supor em função do gênero. Todos eles, no entanto, possuem um fio condutor: a época do ano em que

cada narrativa se passa alterna-se como as estações do ano. São, portanto, cinco narrativas ambientadas na primavera, cinco no verão. O espaço e as personagens também as unem: um centro urbano não identificado (e, por isso mesmo, prototípico) da Itália do pós-segunda guerra e a família de Marcovaldo, o protagonista de todas as vinte histórias, composta pela esposa Domitilla e os seis filhos do casal, além de mais algum personagem secundário que também aparece em mais de um dos contos, caso do sr. Viligelmo, chefe da repartição em que Marcovaldo trabalha.

Funcionário de chão de fábrica, muito pobre, vive em uma pequena casa de apenas um cômodo, e trava uma luta diária para sobreviver e alimentar as oito bocas que compõem seu núcleo familiar. Marcovaldo é um homem da cidade, alijado, pelas

¹*Marcovaldo ou As estações na cidade* (tradução nossa). Optou-se por utilizar a edição original italiana.

circunstâncias, do contato com a natureza em seu estado mais primitivo/rural, que ele ansiosamente busca em qualquer sinal que se manifeste, seja nos fungos que crescem por detrás de uma parada de ônibus, em uma cobaia de laboratório, no clarão do luar ou em uma planta mirrada à entrada do escritório. Seus filhos permanecem em obscura ignorância a respeito do mundo que possa existir além da urbe – nunca viram uma floresta, tampouco diferenciam a lua de um anúncio de néon, e pensam mesmo que terá sido alguma empresa que a colocou no céu.

Não fosse um pobre diabo, que mal consegue colocar alimento em casa, Marcovaldo se enquadraria no conceito baudelaireano de *flanêrie*: o exímio observador da cidade, no pouco tempo livre disponível, como na hora do almoço, deambula por suas ruas, parques e praças com um olhar sempre atento e analítico. Apenas não é um apaixonado por multidões e não entende a cidade como seu “[...] chão sagrado [...]” (Benjamin, 1994, p. 191); ainda assim, vê o mundo e a cidade de uma maneira particular e representa muito bem a angústia do homem que se anula na multidão e que se dá conta das agressões que o mercado lhe inflige. Talvez seja um novo tipo de *flanêur*, que, por não ser burguês, está preso à engrenagem da produção e, portanto, não se pode dar ao luxo de desperdiçar tempo; ainda assim, o faz. Melhor seria dizer que não desperdiça; antes, aproveita o pouco tempo que tem para si de um modo que afronta a sociedade capitalista, tanto quanto o *flanêur* de Baudelaire a afrontava ao desperdiçar tempo de produção.

Para terminar de compor este quadro de apresentação do livro, não se pode deixar de mencionar que se trata de uma obra leve, muito bem-humorada, de leitura acessível (classificada amiúde como infanto-juvenil), na qual o protagonista, via de regra, acaba por meter-se em situações constrangedoras e cômicas. O anti-herói de Calvino é um *gauche*, dotado de um otimismo inveterado e uma pungente necessidade de convívio ecológico.

Pontuações teóricas

Retome-se a epígrafe deste ensaio. Podem-se estender ao conto as considerações que ela emite a respeito do romance; afinal o conflito/desajuste é requisito do gênero narrativo. Apenas um dos desencontros elencados pela escritora e jornalista portuguesa Maria Archer já basta como mote ao enredo de qualquer narrativa. O desencontro do homem e da mulher é, por certo, o conflito que maior número de contos, novelas e romances já motivou. Mais recentemente, o desencontro com Deus e consigo próprio é que tem impulsionado boa parte das reflexões do gênero. Em *Marcovaldo*, no

entanto, parecem convergir de maneira peculiar muitos desses aspectos conflituosos: com a esposa/família, com o *socius*, com o meio ambiente, consigo próprio, tudo isso enleado em uma tocante miséria, que faz do protagonista o homem inadaptado a que já se fez referência.

O que se pretende constatar neste texto é a miséria de Marcovaldo, não somente a material, mas a miséria percebida pela consciência da condição humana. Conforme proposto por Félix Guattari, o desequilíbrio em que o homem se encontra se deve a três registros ecológicos, a saber: “[...] o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (1990, p. 8). Cada um deles, segundo o pensador francês, possui intrínseca relação com os demais, de modo que apenas pelo equilíbrio e a harmonia dos três aspectos é que o homem poderia superar a profunda crise socioecológico-existencial, que é a marca mais notável do mundo moderno e pós-moderno.

São múltiplas as causas verificáveis para tal desequilíbrio: os valores do mercado mundial, que privilegiam, numa escala de valor, os bens materiais em detrimento dos culturais e naturais; a subserviência do corpo social às máquinas policiais e militares; o sistema de valores culturais unidimensional, imposto pelas potências ocidentais às demais nações (Guattari, 1990). A saída para esse impasse, no tempo presente, passaria por uma ressignificação dos modos pelos quais o ser humano se acostumou a se portar no mundo. Isto implicaria a recomposição “[...] das práticas humanas nos mais variados domínios [...]” (Guattari, 1990, p. 15) da vida cotidiana, em escalas individuais e coletivas, o que poderia resultar em uma revolução enriquecedora dos modos de vida, sensibilidade, inteligência e desejo (Guattari, 1990).

Ora, isso quer dizer que seria necessário

[...] desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc. (Guattari, 1990, p. 15-16),

e esta parece ser a luta inglória levada a cabo, diariamente, por Marcovaldo. Ele não tem uma passividade fatalista frente à deterioração das relações ecológicas (de nenhuma das três ecologias) potencializadas pelo ambiente urbano e pelo contexto de crise econômica. Busca, a cada sinal da natureza, no prenúncio das estações do ano, as pistas de um tempo anterior e perdido, um elo qualquer que lhe permita enriquecer a *psique* em conúbio com o fortalecimento das relações familiares e com o meio ambiente.

Um sonhador, dirão, personagem bufa em sua inadaptação ao ambiente em que vive (chega a embarcar em um avião julgando estar entrando em

um ônibus, confundido pela névoa em *La fermata sbagliata* (Calvino, 1998) saudoso de uma natureza selvagem que jamais conheceu e que, por conseguinte, idealiza (em *Dov'è più azzurro il fiume* (Calvino, 1998), por exemplo, não se dá conta de que o azul turquesa de um rio onde vai pescar se deve ao envenenamento da água por uma indústria, antes, pensando que se tratasse de uma coloração natural, como de um lago de montanha). Tudo isso é certo. Mas esse cômico herói também se faz de baluarte em defesa de paradigmas éticos e estéticos que acenam para além dos ditames das ciências duras e que fazem o leitor pensar fora da caixa do racionalismo cartesiano ao mostrar que a natureza impõe limites à técnica, como mostrado no conto *Il giardino dei gatti ostinati* (Calvino, 1998), em que um grande grupo de felinos ataca corretores de imóveis e construtores, impedindo-os quer de vender, quer de construir em um terreno que constitui para muitas espécies o último refúgio no centro da cidade.

Da comicidade singela de homem ingênuo (um bom selvagem), emana um carisma ao qual o leitor não passa incólume: as desventuras desse homem querem fazer (re)pensar o modo como a humanidade vem construindo suas relações com a natureza e com o outro, afinal:

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os “marginalizados”, os imigrados (Guattari, 1990, p. 27, grifo do autor).

Está bem visto que o crescimento técnico-científico não acarreta, por si, progresso cultural e social. Não se trata, no entanto, de advogar uma posição ingênua de abandono a ideologias *hippies*, senão de orientar novos agenciamentos ecológicos (ecosóficos) por vias menos degradadoras que aquelas propostas pelo capitalismo global e pelo FMI (Guattari, 1990).

Marcovaldo, a despeito de sua imensa curiosidade e paixão pelo mundo natural (que chega a levá-lo aos extremos do ridículo, como quando sai com sua motoneta portando um vaso com uma planta, à caça de chuva, em *La pioggia e le foglie* (Calvino, 1998), também concebe esse mundo como algo com o qual possa prover a seu sustento, em usufruto bíblico, por assim dizer, como pode ser observado nos contos *Funghi in città* (Calvino, 1998) ou *Il piccione comunale* (Calvino, 1998), nos quais a preocupação do protagonista está em alimentar a família, seja com alguns cogumelos, seja com os pombos que invadem sazonalmente a cidade em período de migração. Pode-se, inclusive, observar

uma tentativa primitiva de capitalização dos recursos naturais, como ocorre em *La cure delle vespe* (Calvino, 1998), cujo enredo consiste na captura de abelhas, com a ajuda dos filhos, com vistas a comercializar, junto aos vizinhos, ‘aplicações’ terapêuticas de veneno, que, supostamente, amenizariam os sintomas do reumatismo.

De qualquer modo, essas incursões parecem perfeitamente justificáveis no escopo da luta pela sobrevivência e não maculam a ideia de busca de um convívio em equilíbrio; antes, revelam práticas mais sustentáveis. Também seria ceder a um romantismo inconsequente afirmar que Marcovaldo pensa nos mesmos termos de um ativista e defensor do meio ambiente. Não é o caso. Se pudesse, ele entraria no supermercado e encheria muitos carrinhos com alimentos processados ou teria uma casa grande com aquecimento a gás, onde pudesse entrar um vaso de plantas sem que qualquer membro da família tivesse que sair. É, no entanto, uma certa sensibilidade diferenciada que possui e faz com que ele seja aqui apresentado como alguém que está um passo à frente dos demais no que concerne ao aspecto psíquico de busca de interação e equilíbrio entre as três ecologias. Busca, em seu caso particular, sempre frustrada e de forma desastrosa.

Há, agora, que se pensar em relação ao contexto histórico do período na Europa, em particular na Itália, que saíra derrotada da guerra e, portanto, passara por um período de crise mais severa, mas que à época da publicação (que é também aproximadamente a da ação dos contos) já vivia a promessa de um milagre econômico:

Aos poucos, a atmosfera do país se altera: à imagem de uma Itália pobre e ‘subdesenvolvida’ se contrapõe a imagem de uma Itália que está alcançando, pelo menos em parte, o nível de desenvolvimento técnico e de possibilidade de trabalho e de consumo dos países mais ricos; nasce a euforia (e a ilusão) do ‘milagre econômico’, do ‘boom’, da sociedade ‘opulenta’ (Calvino, 1998, p. X, grifo do autor - tradução nossa).²

Dessa ilusão de desenvolvimento nasce o ímpeto pelo consumo e pela acumulação de bens, alavancada ainda pelo *marketing* (que ganha destaque nos contos *Luna e gnac*, *Marcovaldo al supermarket* e *I figli di Babbo Natale* - (Calvino, 1998). Para todos os efeitos, é esse modelo de consumo (o do *american way of life*, vendido ao mundo globalizado) o maior responsável pelo desastre ecológico. Nas palavras de Greg Garrard (2006, p. 35),

²“A poco a poco, l’atmosfera del paese cambia: all’immagine d’un’Italia povera e “sottosviluppata” si contrappone l’immagine di un’Italia che sta raggiungendo, almeno in parte, il livello di sviluppo tecnico e di possibilità di lavoro e di consumo dei paesi più ricchi; nasce l’euforia (e l’illusione) del “miracolo economico”, del “boom”, della “società opulenta””.

[...] a natureza só é valorizada em termos de sua utilidade para nós. Muitos ambientalistas afirmam que precisamos elaborar um sistema de valores que tome como ponto de partida o valor intrínseco ou inerente da natureza.

E, lembre-se ainda mais uma vez, que quando aqui se faz referência a desastre ecológico, se está pensando nas três ecologias (meio ambiente, relações sociais, *psique*). Na verdade, o modelo de consumo só é responsável pela desagregação entre os três registros ecológicos na medida em que concebe a escala de valores segundo a qual os bens cuja percepção é subjetiva e não mensurável financeiramente – os sociais, culturais, espirituais – se encontram muito aquém dos de valor objetivo/quantificável em escala monetária. Este sistema respinga no mundo das ciências e se reflete nitidamente no maior investimento dos governos e universidades no campo das chamadas ciências duras, de onde, em geral, surgem produtos de utilidade palpável e de menor palavreado sociológico e filosófico, sem mencionar certo preconceito científico/acadêmico com as humanidades.

Já que se falou na temática da guerra, cabe aqui destacar a comparação feita pelo filósofo francês Michel Serres (1991) entre as guerras *stricto sensu* e a guerra que o homem impôs à natureza e que tem levado a extremos tais que fazem prever o fim da História. Aliás, o próprio início da história humana e suas narrativas possuem alicerces na guerra. A diferença está em que uma guerra qualquer pressupõe um contrato que, inclusive, protege a humanidade “[...] contra a reprodução indefinida da violência” (Serres, 1991, p. 24), caracterizando-se, outrossim, não “[...] pela bruta explosão da violência, mas pela sua organização e pelo seu estatuto de direito” (Serres, 1991, p. 23). Mas não é isso o que acontece em relação à guerra ecocida que o homem vem implementando contra a natureza; neste caso, a violência não possui limites preestabelecidos e reproduz-se indefinidamente. Para Serres, é preciso recomençar o fundamento da história pela proposição de um pacto com a Terra, o que ele chama de Contrato Natural. Para este pensador, o contrato com a natureza também tem ressonâncias na ecologia psíquica do ser. Sobre o homem que vive nos grandes centros urbanos, questiona:

Afogado nessas massas gigantescas, o ator individual poderá ainda dizer ‘eu’ enquanto os grupos antigos, tão pequenos, já enunciam um ‘nós’ irrisório e fora de moda? (Serres, 1991, p. 27).

Marcovaldo é uma voz dissonante na metrópole em que vive (parte da megalópole chamada Europa); uma voz pequena e sumida, é verdade, como a dos

gatos com os quais se identifica em *Il giardino dei gatti ostinati* (Calvino, 1998), ou, talvez, uma voz sequer audível, como a da planta de *La pioggia e le foglie* (Calvino, 1998), mas, tal qual a planta mirrada se desenvolve com a chuva, a voz de Marcovaldo, que clama no deserto, poderá ter algum eco no ouvido do leitor.

Algo significativo a se observar em relação às proposições de Serres é a maneira como Calvino arquitetou os contos da coletânea em sucessão de estações climáticas (começando com uma primavera e terminando com um inverno). Pode-se ligar isso ao fato de, atualmente, a percepção da passagem do tempo cronológico se ter desvinculado da noção de alternância das estações, como terá sido natural aos povos antepassados, mais sujeitos que o homem moderno às intempéries do clima. Hoje, vive-se e trabalha-se em interiores, em ambientes artificialmente climatizados: “O clima não mais influência em nossos trabalhos” (Serres, 1991, p. 41). O homem contemporâneo vive apenas no tempo cronológico, sem se dar conta de que a sucessão do tempo climatológico está imbricada com aquele. Marcovaldo parece um pouco menos preso a esse mecanicismo que determina o lugar do homem apartado da natureza: nas primaveras, fica atento ao crescimento dos fungos ou planeja uma pescaria; no outono, observa a migração das aves a ver se uma lhe serve de assado ou sai no encalço de gatos que roubaram seu peixe; no inverno, teme a volta das dores reumáticas e sai em demanda por lenha; com o esvaziamento da cidade, em função das férias de verão, tem a oportunidade de cultivar um olhar mais atento aos detalhes da urbe.

Em maior medida que seus contemporâneos, Marcovaldo assemelha-se aos ancestrais, primeiro, por ser mais sensível ao tempo climatológico, como já dito, e também por uma espécie de nostalgia idílica pela qual é tomado. Suas práticas, ao contrário, sempre desastrosas (come cogumelos venenosos ou pesca peixes envenenados sem se dar conta, por exemplo), só vêm a reforçar o quanto o homem citadino se encontra afastado das lições da natureza. O herói de Calvino não é alguém diferenciado/especial, em função disto, uma vez que, de acordo com Greg Garrard (2006), o surgimento da ideia de idílio bucólico tem estreita relação com processos de urbanização em larga escala, que tiveram início no período helênico. Dito de outro modo, ele é apenas um homem do seu tempo, oprimido e reificado pela estrutura de classes e que apenas ousou despertar a consciência para olhar e sentir o mundo de uma maneira não usual.

Nesta direção, se quisermos pensar a obra *Marcovaldo* em “[...] em termos de sua coerência e utilidade como resposta à crise ambiental [...]”

(tradução nossa)³, como apregoa Cheryll Glotfelty e Fromm (1996) ser o objetivo da ecocrítica, então convém entender, a partir de Garrard (2006), que a nostalgia idílica também pode ser utópica e proléptica, o que confere ao discurso de Calvino, em *Marcovaldo*, matizes de apelo por novas práticas em relação ao meio ambiente, a si próprio e ao outro. E aí estaria a ‘utilidade’ desse discurso literário.

Para pensar em como o discurso do livro poderia gerar a utilidade da conscientização ecológica, merece destaque (embora, infelizmente, não haja espaço para o desenvolvimento dessa ideia no escopo do ensaio) a estratégia da utilização de um narrador em terceira pessoa, capaz de captar a empatia do leitor através de um enunciado em tom de lirismo inocente. Ganha relevo a maneira como descreve as desventuras do herói, *a la* Cândido, bem como quando da aposição do discurso direto, que dá a conhecer os filhos de Marcovaldo como crianças com tamanha ingenuidade acerca do mundo natural que despertam a piedade e a empatia do leitor, já por si um grande passo para a conscientização e a mudança de postura.

Propostas de leituras ecocríticas

Conforme anunciado no resumo que precede este texto, pretende-se agora elencar alguns motes de leitura ecocrítica contidos em potencial em *Marcovaldo*. A ideia não é propor um guia estático de leitura, mas demarcar pistas para o desenvolvimento desse filão crítico a futuros estudos de quem queira se debruçar sobre a obra.

[1] **O retorno/acesso à natureza custa caro**, e, portanto, não é direito reservado a todos. Isto pode ser muito bem observado em contos como *La cura delle vespe* (Calvino, 1998): um dia, ao ler o jornal junto a um conhecido, o senhor Rizieri encontra um artigo que fala sobre um modo de curar o reumatismo com aplicações de veneno de abelhas. Sempre propenso ao otimismo, Marcovaldo chega a pensar que o tratamento poderia ser feito com mel, mas logo o amigo adverte

– Não – retrucou Rizieri –, com o veneno, diz aqui, com aquele do ferrão. – E leu alto alguns trechos. Discutiram longamente sobre as abelhas, suas virtudes e sobre quanto poderia ‘custar’ aquele tratamento (tradução de Nilson Moulin, *in* Calvino, 1994, p. 30, grifo nosso).⁴

Fica patente que a natureza só cura quando é manipulada, e isso tem um preço.

Em *L'aria buona* (Calvino, 1998), o médico recomenda que as crianças respirem um pouco de ar puro e corram pelos campos. O diálogo que se segue entre o casal indica que o retiro campestre não é para pobres como eles:

– E aonde é que vamos, oito bocas, cheios de dívidas, o que acha que podemos fazer?
– O melhor lugar para onde podemos mandá-los – esclareceu Marcovaldo – é a rua.
– Ar puro hão de respirar – concluiu Domitilla – quando formos despejados e tivermos de dormir ao relento (tradução de Nilson Moulin, *in* Calvino, 1994, p. 49).⁵

Ainda assim, Marcovaldo fará um esforço para levar as crianças a um passeio pelas montanhas, durante o qual se encontra com um grupo de tuberculosos que o informam que aquela é uma área pertencente ao sanatório; tal qual a cidade, o mundo natural também se apresenta loteado.

Em *Dov'è più azzurro il fiume* (Calvino, 1998), depois de pescar, Marcovaldo é interpelado por um guarda que o informa que se tivesse pescado em determinado local, deveria livrar-se dos peixes, pois a água estaria envenenada por uma fábrica de tintas; se tivesse pescado mais acima, teria de lhe aplicar uma multa porque se tratava de uma reserva de pesca. Tentando safar-se, Marcovaldo diz que comprara os peixes em uma cidade vizinha. É aí, então, que é informado que precisa pagar uma taxa pela entrada da mercadoria de uma cidade a outra. Sem dinheiro, não resta alternativa senão libertar os peixes no rio.

[2] **O ideário do consumo**: O já referido contexto do milagre econômico italiano, ainda que apenas artificial e fruto do *marketing* político, alimentou um ideário de desenvolvimento mensurado somente em termos de produção e consumo. Nesse contexto, *Luna e gnac* (Calvino, 1998) mostra como a publicidade ofusca a visão do mundo natural, acabando por suplantá-lo à força do poder econômico da empresa que faz colocar seu anúncio luminoso diante da janela da casa de Marcovaldo:

No céu de Marcovaldo a lua cheia arredondava-se em todo o seu esplendor.

Era o último quarto minguante, quando os eletricitistas voltaram a subir no telhado da frente. E naquela noite, em caracteres de fogo, caracteres altos com o dobro da espessura dos anteriores, lia-se COGNAC TOMAWAK, e não havia mais lua nem firmamento nem céu nem noite, somente COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK, que acendia e apagava a

³ “[...] terms of their coherence and usefulness as responses to environmental crisis”.

⁴ – No, – fece Rizieri – col veleno, dici qui, con quello del pungiglioni, – e gli lesse alcuni brani. Discussero a lungo sulle api, sulle loro virtù e su quanto poteva costare quella cura” (Calvino, 1998, p. 29).

⁵ – E dove vuole che noi, otto bocche, carichi di debiti, come vuole che facciamo? – Il posto più bello dove possiamo mandarli, – precisò Marcovaldo, è per la trada. – Aria buona la prenderemo, – concluse Domitilla, – quando saremo sfrattati e dovremo dormire allo stellato” (Calvino, 1998, p. 51).

cada dois segundos (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 88).⁶

Ainda que apenas como pano de fundo, os anúncios publicitários também aparecem em *Il bosco sull'autostrada* (Calvino, 1998).

Marcovaldo al supermarket (Calvino, 1998) talvez seja o conto mais comovente da coletânea e trata do mesmo assunto do consumo. Um excerto do início da narrativa dará melhor a dimensão desse *leitmotiv*:

Às seis da tarde, a cidade caía nas mãos dos consumidores. O dia inteiro, a grande tarefa da população produtiva era produzir: produziam bens de consumo. Numa determinada hora, como se um interruptor fosse acionado, cessavam a produção e, rua! Lançavam-se todos a consumir (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 97).⁷

No entanto, sem dinheiro, e sem qualquer outra alternativa de divertimento, restava à família do protagonista o passatempo de ir ao supermercado observar os outros fazerem compras:

Numa noite dessas Marcovaldo estava levando a família para passear. Estando sem dinheiro, o passeio deles era olhar os outros fazerem compras; pois o dinheiro quanto mais circula, mais é esperado por quem não o tem: 'Mais cedo ou mais tarde acabará por passar um pouco também por meus bolsos'. Ao contrário, com Marcovaldo, o salário, entre ser pouco e servir a tanta gente na família, e serem tantas prestações e dívidas para pagar, ia embora quase sem ser notado. De qualquer modo, era sempre bom olhar, especialmente dando uma volta no supermercado (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 98).⁸

Também neste conto as estratégias do *marketing* se fazem presentes:

Os alto-falantes difundiam musiquinhas alegres: os consumidores se mexiam ou paravam acompanhando o ritmo, e no momento exato estendiam o braço e pegavam um objeto e o pousavam no cestinho, tudo ao som de música (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 99).⁹

Ao final, uma imagem singular que traduz o que se esconde por trás dessa engrenagem tão bem urdida:

[...] e em cada andar, de todos os lados, se encontrava diante de passagens obrigatórias onde um caixa de sentinela apontava máquinas calculadoras crepitantes como uma metralhadora contra todos aqueles que faziam menção de sair (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 101).¹⁰

No mundo do consumo, como em uma guerra, cobra-se um preço!

Fumo, vento e bolle di sapone (Calvino, 1998) tematiza, do mesmo modo, as estratégias de concorrência entre empresas de saponáceos que distribuem amostras grátis de seus produtos, os quais, pelas mãos das crianças, terão como destino as águas do rio. A espuma e as bolhas provocadas fazem com que a população tema que se trate de algo radioativo. Por fim, o espetáculo das bolhas de sabão desaparecerá em meio à fumaça cotidiana das fábricas.

Para Michel Serres, os modos capitalistas de concorrência, tão bem representados em *Marcovaldo*, são uma espécie de

[...] continuação das operações militares por outros meios, exploração, mercadorias, dinheiro ou informação [...]. Segue-se o mesmo esquema [...] sem outra finalidade senão a busca, comum e contratual, da dominação sobre os homens (Serres, 1991, p. 26).

Outro conto que se relaciona ao tema é o que encerra o volume, *I figli di Babbo natale* (Calvino, 1998), cujo enredo, no espectro do que vem sendo aqui tratado, já pode ser intuído; vê-se de quantas maneiras o sentimento natalino é imposto pela indústria e pelo comércio, que ganha fôlego novo com os 13º salários:

Com aquele dinheiro, ele também poderia correr para as lojas, comprar comprar comprar para presentear presentear presentear, como impunham os seus mais sinceros sentimentos e os interesses gerais da indústria e do comércio (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 129).¹¹

No final do conto, um menino rico e triste/enfasiado com os trezentos e doze pacotes de presente que recebera, ganha dos filhos de Marcovaldo algo que afinal lhe desperta o interesse,

⁶“Nel cielo di Marcovaldo la luna piena tondeggiava in tutto il suo splendore. Era l'ultimo quarto, quando gli elettricisti tomarono a rampare sul tetto di fronte. E quella notte, a caratteri di fuoco, caratteri alti e spessi il doppio di prima, si leggeva COGNAC TOMAWAK, e non c'erano più luna né firmamento né cielo né notte, soltanto COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK, COGNAC TOMAWAK che s'accendeva e si spegneva ogni due secondi” (Calvino, 1998, p. 96).

⁷“Alle sei di sera la città cadeva in mano dei consumatori. Per tutta la giornata, il gran daffare della popolazione produtiva era il produrre: producevano beni di consumo. A una cert'ora, come per lo scatto d'un interruttore, smettevano la produzione e, via!, si buttavano tutti a consumare” (Calvino, 1998, p. 106).

⁸“Una di queste sere Marcovaldo stava portando a spasso la famiglia. Essendo senza soldi, il loro spasso era guardare gli altri fare le spese; inquantochè il denaro, più ne circola, più chi ne è senza spera: “prima o poi finirà per passarme un po' per le mie tasche”. Invece, a Marcovaldo, il suo stipendio, tra che era poco e che di famiglia erano in molti, e che c'erano da pagare rate e debiti, scorreva via appena percepito. Comunque, era pur sempre un bel guardare, specie facendo un giro al supermarket” (Calvino, 1998, p. 107).

⁹“Gli altoparlanti diffondevano musicchette allegre: i consumatori si muovevano o

sostavano seguendo il ritmo, e al momento giusto protendevano il braccio e prendevano un oggetto e lo posavano nel loro cestino, tutto a suon di musica” (Calvino, 1998, p. 109).

¹⁰“[...] e ad ogni piano da ogni parte si trovava di fronte a passaggi obbligati dove una cassiera di sentinella puntava una macchina calcolatrice crepitante come una mitragliatrice contro tutti quelli che accennavano a uscire” (Calvino, 1998, p. 111).

¹¹“Con quei soldi, avrebbe potuto correre anche lui per negozi, a comprare comprare comprare per regalare regalare regalare, come imponevano i più sinceri sentimenti suoi e gli interessi generali dell'industria e del commercio” (Calvino, 1998, p. 144).

um martelo e uma caixa de fósforos, com os quais se põe a destruir os bens de sua mansão. Parece um aceno da narrativa para uma conclusão anticonsumista, uma apologia ao famigerado ‘verdadeiro sentido do Natal’. Ledo engano. Rapidamente, ao pai do garoto, que era “ [...] o presidente da União para o Incremento das Vendas Natalinas” (tradução de Nilson Moulin, in *Calvino*, 1994, p. 133)¹², ocorre uma ideia genial: popularizar aquele ‘presente destrutivo’ sob o pretexto de incrementar o consumo de bens que viessem a substituir os que viessem a ser destruídos pelo inovador brinquedo:

[...] o Presente Destrutivo serve para destruir artigos de todo gênero: era isso que faltava para acelerar o ritmo do consumo e reativar o mercado... Tudo num tempo muito curto e ao alcance de uma criança... O presidente da União viu abrir-se um novo horizonte, está no sétimo céu do entusiasmo... (tradução de Nilson Moulin, in *Calvino*, 1994, p. 134-135).¹³

O tópico sobre o qual esses contos se desenvolvem diz respeito a um estágio da evolução do capitalismo pós-industrial, ao qual Félix Guattari prefere chamar de *Capitalismo Mundial Integrado*, que:

[...] tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, etc. (Guattari, 1990, p. 31).

Ora, produzir e controlar os signos da vida contemporânea e, portanto, ter o estatuto de poder moldar as subjetividades, certamente é uma estratégia de opressão/dominação do homem (em suas três dimensões ecológicas) muito mais eficaz e duradoura que qualquer dominação por força sobre o ser e a paisagem. Para o pensador francês, a este aparato de dominação não mais se poderá opor por meio de práticas sindicais e políticas tradicionais; antes, será preciso um trabalho de ecologia social, que reinvente práticas sociais e políticas que trabalhem efetivamente para a humanidade e reequilibrem “[...] seus efeitos no domínio da ecologia mental, no seio da vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, de vizinhança, de criação e de ética pessoal” (Guattari, 1990, p. 33) e que deixem de se orientar pelo “Universo das semióticas capitalísticas” (Guattari, 1990, p. 35).

Seria preciso, para que isso acontecesse,

[...] reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes

daqueles do rendimento e do lucro (Guattari, 1990, p. 42).

O filósofo defende ainda que essa reconstrução da ecologia mental e, por conseguinte, do *socius*, dependeria menos de

[...] reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos do que da promoção de práticas inovadoras, da disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade (Guattari, 1990, p. 44).

É neste ponto que parece situar-se o herói de *Calvino*, uma vez que, de algum modo, ele leva em conta outra dimensão do que venha a ser ‘rentabilidade’, a social, a estética, a dos valores do desejo, etc.

[3] **Venenos do homem, remédios da natureza:** Esta é outra possível chave para considerações de leitura ecocrítica da obra. Os venenos presentes em elementos da natureza, agressivos ao homem quando não manipulados adequadamente, se fazem presentes em contos já mencionados, como *Funghi in città* (*Calvino*, 1998) e *La cura dele vespe* (*Calvino*, 1998) e, ainda, em *La pietanziera* (*Calvino*, 1998), em que *Marcovaldo* sente o gosto pouco saudável do alumínio do recipiente em que a esposa coloca o almoço que comerá no trabalho.

Nessa batalha, o homem também envenena a natureza sem muito critério e sem se dar conta de que envenena a si próprio em cadeia: inocentemente, as crianças lançam sabão no rio em *Fumo, vento e bolle di sapone* (*Calvino*, 1998), conto no qual aparece também a poluição da fuligem lançada pelas fábricas. A fábrica de tintas polui o rio no já mencionado *Dov'è più azzurro il fiume* (*Calvino*, 1998); os médicos envenenam uma cobaia de laboratório em *Il coniglio velenoso* (*Calvino*, 1998).

Ao registrar que tanto o homem quanto a natureza possuem seus venenos (muito embora aqueles utilizados pelo homem tenham uma origem natural), *Calvino* (1998) não deixa de corroborar o ideário do escritor escocês John Muir, que afirmava:

[...] que os jacarés, os leões, os venenos e as doenças, tudo isso é uma ampla prova de que a criação não foi pré-fabricada para o uso e a comodidade humanos, e que todos os seres vivos, até ‘a mais ínfima criatura transmicroscópica’, têm um valor intrínseco (apud Garrard, 2006, p. 100).

Em larga escala, esses venenos, manipulados ou *in natura*, vez ou outra alertam o homem para a necessidade de reorientar a gestão da ciência e da economia em direção a finalidades mais humanas:

¹²[...] il presidente dell'Unione Incremento Vendite Natalizie” (*Calvino*, 1998, p. 149).

¹³[...] il Regalo Distruttivo serve a distruggere articoli d'ogni genere: quel che ci vuole per accelerare il ritmo dei consumi e ridare vivacità al mercato... Tutto in un tempo brevissimo e alla portata d'un bambino... Il presidente dell'Unione ha visto aprirsi un nuovo orizzonte, è ai sette cieli dell'entusiasmo...” (*Calvino*, 1998, p. 151).

Chernobyl e a Aids nos revelaram brutalmente os limites dos poderes técnico-científicos da humanidade e as 'marchas-à-ré' que a 'natureza' nos pode reservar (Guattari, 1990, p. 24).

[4] **Comunhão entre homem e outros seres:**

Algumas narrativas da coletânea trabalham em maior ou menor grau com a ideia de empatia do humano com os outros seres. Em *La villeggiatura in panchina* (Calvino, 1998), o protagonista imagina poder adormecer como um pássaro, cobrindo a cabeça com a própria asa. Adiante, o narrador o compara a um pombo e, por fim, em contrapartida, o animal demonstra um sentimento humano: "Svolazzando intorno, altri piccioni lo contemplavano tristemente" (Calvino, 1998, p. 20).

Em *La pientaniera* (Calvino, 1998), torna-se amigo dos cães de rua, com quem divide o salame de sua marmitta.

Em *Il coniglio velenoso* (Calvino, 1998), enquanto aguarda o médico que lhe vem dar alta depois de um período no hospital, o herói reflete acerca da presença da cobaia que lhe servira de companhia naqueles dias: "[...] descobria uma presença amiga. (Calvino, 1998, p. 65 - tradução nossa)¹⁴. Apesar desse sentimento, furta o animal na intenção de 'engordá-lo' para o Natal. Mais adiante, a exemplo do pombo capaz de entristecer-se, o coelho também será humanizado ao apresentar memória e pressentir a morte. No entanto, precisando de proteção e alimento, decide render-se ao jogo dos humanos que o alimentam para depois comê-lo. Ao final do conto, esse processo de humanização culminará em um extremo gesto de dignidade animal (que será frustrado por um bombeiro): decide suicidar-se (!). Esse posicionamento do narrador é um verdadeiro libelo em prol do entendimento da natureza como sujeito de direito, conforme reivindicado por Michel Serres (1991).

Il giardino dei gatti ostinati (Calvino, 1998) apresenta algo semelhante. Adota em parte o ponto de vista dos animais que enxergam os automóveis como 'máquinas de esmagar gatos'. Neste conto, para passar o tempo, Marcovaldo segue um gato e julga entender os sinais do seu mundo, chegando a perseguir o animal, que lhe roubara um peixe, tal qual fosse um felino:

Marcovaldo, penetrando em lugares cada vez mais felinos, trepando em alpendres, montando em balaustradas, conseguia sempre captar com o olhar – talvez um segundo antes que desaparecesse – aquela pista móvel que lhe indicava o caminho seguido pelo ladrão (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 119).¹⁵

Também com os seres do reino vegetal o herói se identifica. Em *La pioggia e le foglie* (Calvino, 1998), sente compaixão, como por uma desgraça que acometesse a um membro da família, por uma planta à qual faltavam luz, ar e orvalho:

E suspirava, não se sabe se pela planta ou por si mesmo, pois naquele arbusto que amarelava mirrado entre as paredes burocráticas reconhecia um irmão de desventura (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 90).¹⁶

Na sequência, deixando-se estar sob a chuva junto com a planta, Marcovaldo quase poderá provar da mesma sensação do vegetal. Mais tarde, a quem o visse carregando a planta em sua bicicleta, pareceriam, homem e planta, "[...] una cosa sola" (Calvino, 1998, p. 99).

A explicação para a busca de identificação de Marcovaldo com esses seres, que se lhe aparentam mais livres e autônomos em relação aos humanos, donos do próprio destino, pode ser encontrada no conto *Un viaggio con le mucche*:

Em cada presença humana Marcovaldo reconhecia tristemente um irmão, como ele prisioneiro, mesmo no período de férias daquele forno de cimento cozido e poeirento, pelas dívidas, pelo peso da família, pelo salário baixo (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 56)¹⁷,

ou seja, juntamente com a nostalgia idílica, a identificação com os animais é um meio de fuga de sua realidade opressora, tentativa de individuação.

Essa postura do herói bem pode ser entendida como predisposição em assinar o que Serres chama de 'contrato natural', um acordo:

[...] de simbiose e de reciprocidade, onde a nossa relação com as coisas deixaria [de ser de] domínio e posse pela escuta admirativa, pela reciprocidade, pela contemplação e pelo respeito, onde o conhecimento não mais suporia a propriedade, nem a ação a dominação (Serres, 1991, p. 51).

[5] **A natureza como refúgio idealizado:**

Lato sensu, a busca pela natureza é o mote do conjunto dos contos, juntamente com a indefectível desilusão resultante de tal busca. Ademais, essa é a causa da melancolia que se desprende das narrativas, a despeito de seus matizes cômicos. Parte da desilusão é fruto de agência externa, que não depende da vontade do protagonista, mas boa parte dela tem raízes em sua visão idealizada do que seria o

tettoie, scavalcando ringhiere, riusciva sempre a cogliere con lo sguardo – magari un secondo prima che sparisse – quella mobile traccia che gli indicava il cammino preso dal ladro" (Calvino, 1998, p. 133).

¹⁶"E sospirava, non si sa se per la pianta o per sé: perché in quell'arbusto che ingialliva allampanato tra le pareti aziendali riconosceva un fratello di sventura" (Calvino, 1998, p. 98).

¹⁷"In ogni presenza umana Marcovaldo riconosceva tristemente un fratello, come lui inchiodato anche in tempo di ferie a quel forno di cemento cotto e polveroso, dai debili, dal peso della famiglia, dal salario scarso" (Calvino, 1998, p. 57).

¹⁴[...] scopri una presenza amica".

¹⁵"Marcovaldo, inoltrandosi in luoghi sempre più gatteschi, arrampicandosi su

mundo fora da fronteira urbana. A melancolia, fruto da desilusão, nasce do fosso existente entre expectativa e realidade. Assim:

O idílio 'industrial' é alvejado tanto quanto o idílio 'campestre'; não apenas uma 'volta atrás' na história é impossível, mas também aquele 'atrás' nunca existiu, é uma ilusão. O amor de Marcovaldo pela natureza é aquele que pode nascer apenas num homem da cidade; por isso não podemos saber nada da sua origem extraurbana; esse estranho à cidade é o cidadão por excelência. (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 141 – grifo do autor).¹⁸

Neste ínterim, por exemplo, em *La villeggiatura in panchina* (Calvino, 1998), Marcovaldo sonha poder dormir sob o verde da praça arborizada e fresca e não em seu quarto quente e ruidoso. Quando resolve colocar em prática seu plano, verá que não é tão fácil dormir em um banco duro, com os barulhos e os semáforos a piscar no entorno da praça.

Em *Un viaggio con le mucche* (Calvino, 1998), Michelino, um dos filhos de Marcovaldo, segue com alguns vaqueiros a fim de pastorear o gado que passa pela cidade a caminho das montanhas em busca de pasto. A expectativa era que aquele filho afortunado, quando retornasse, viesse gordo e corado, como resultado da vida livre na natureza:

- Sorte dele, sombra e água fresca, e se enchendo de manteiga e queijo – dizia Marcovaldo, e, todas as vezes que do fundo de uma rua lhe aparecia, coberto apenas pelo calor do verão, o recorte branco e cinzento das montanhas, sentia-se como mergulhado num poço, sob cuja luz, lá no alto, parecia-lhe ver cintilar copas de bordos e castanheiros, e zumbir abelhas selvagens, e Michelino lá em cima, preguiçoso e feliz, entre o leite e o mel e as amoras nas sebes (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 58).¹⁹

A realidade da dureza e miséria da vida do homem do campo mostra-se, porém, imperiosa no retorno do rapaz:

- Trabalhava como uma mula – disse, e cuspiu longe. Tinha ficado com cara de homem. – Todas as tardes a mudar os baldes dos ordenadores de um animal para outro, de um animal para outro, depois esvaziá-los nos latões, rápido, cada vez mais rápido, até tarde. E, de manhã, bem cedo, rolar os latões até os caminhões que os transportam para a cidade... E contar, contar sempre: os animais, os latões, aí de quem errasse...

- E você deitava na grama? Quando os animais pastavam?...

- A gente nunca tinha tempo. Havia sempre o que fazer. Correr atrás do leite, da palha dos animais, do estrume. E tudo isso para quê? Com a desculpa de que não tinha contrato de trabalho, quanto me pagaram? Uma miséria. Mas, se estão pensando que agora vou dar tudo para vocês, desistam. Para casa, vamos dormir que estou morto de cansado (tradução de Nilson Moulin, in Calvino, 1994, p. 59).²⁰

No já mencionado *Dov'è più azzurro il fiume*, a expectativa e a emoção por encontrar “[...] o paraíso do pescador [...]” (Calvino, 1998, p. 86 - tradução nossa)²¹ se converterá na desilusão pelo rio poluído e pela restrição de pesca em seu trecho selvagem, pertencente à reserva.

Ademais, a despeito de idealizada, pode-se retomar aqui ainda uma possibilidade de leitura para o conto *L'aria buona* (Calvino, 1998), no qual Marcovaldo e as crianças encontram um grupo de tuberculosos, durante um passeio pelas montanhas, já indicado no item [1]. Esse grupo pode remeter a outros grupos de doentes, que, em geral, segregados do convívio, via de regra eram postos em quarentena fora das cidades, como os leprosos. Ora, neste caso, a natureza não é vista apenas como refúgio. Muitas vezes, ao longo da história, ela se configurou como lugar de exílio e banimento (Serres, 1991).

Sobre tudo o que foi exposto neste item, há que se ponderar, na esteira do pensamento de Garrard (2006) a respeito da obra de Edward Abbey, que a ideia de refúgio na natureza só faz, muitas vezes, ratificar o binarismo natural *versus* cultural e mesmo o de gênero, uma vez que a paisagem natural é quase sempre vista como feminina, muito embora não seja lugar para mulher (basta ver como Domitilla não faz parte dos planos e sonhos de Marcovaldo). Outrossim, uma vez que o acesso ao mundo selvagem domado custa caro e em geral só é realizável como uma temporada de férias, não acessível à maioria, ele acaba por se tornar um lugar de pseudossensação de integração, permanecendo assepticamente distante e mistificado. Habitar a natureza implica outra atitude; não é um estado transitório e não pode se basear nem em uma perspectiva turística, nem em um sonho idílico, pois requer uma “[...] imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho” (Garrard, 2006, p. 154). Serres complementa na mesma direção:

¹⁸– L'idillio 'industriale' è preso di mira allo stesso tempo dell'idillio 'campestre': non solo non è possibile un 'ritorno indietro' nella storia, ma anche quell' 'indietro' non è mai esistito, è in illusione. L'amore per la natura di Marcovaldo è quello che può nascere solo in un uomo di città: per questo non possiamo sapere nulla d'una sua provenienza extracittadina; questo estraneo alla città è il cittadino per eccellenza” (Calvino, 1998, p. IX – grifo do autor).

¹⁹– Beato lui, sta al fresco, e si riempie di burro e formaggio, — diceva Marcovaldo, e ogni volta che dal fondo d'una via gli appariva, velato appena dalla calura, il frastaglio bianco e grigio delle montagne, si sentiva come sprofondato in un pozzo, alla cui luce, lassù in alto, gli pareva di veder scintillare fronde d'aceri e castagni, e ronzare api servatiche, e Michelino lassù, pigro e felice, tra il latte e il miele e le more di siepe” (Calvino, 1998, p. 60).

²⁰– Lavoravo come un mulo, — disse, e sputò davanti a sé. S'era fatta una faccia da uomo. — Ogni sera spostare i secchi ai mungitori da una bestia all'altra, da una bestia all'altra, e poi vuotarli nei bidoni, in fretta, sempre più in fretta, fino a tardi. E al mattino presto, rotolare i bidoni fino ai camion che li portano in città... E contare, contare sempre: le bestie, i bidoni, guai se si sbagliava...

— Ma sui prati ci stavi? Quando le bestie pascolavano?...

— Non s'aveva mai tempo. Sempre qualcosa da fare. Per il latte, le lettiere, il letame. E tutto per che cosa? Con la scusa che non avevo il contratto di lavoro, quanto m'hanno pagato? Una miseria. Ma se ora vi credete che ve ne dia a voi, vi sbagliate. Su, andiamo a dormire che sono stanco morto” (Calvino, 1998, p. 61-62).

²¹– “[...] il paradiso del pescatore”.

Para salvaguardar a Terra ou respeitar o tempo, no sentido da chuva e do vento, seria preciso pensar no longo prazo e, para não viver nele, desaprendemos a pensar conforme os ritmos e seu alcance. [...] Tudo acontece como se [...] houvessem erradicado a memória do longo prazo, tradições milenares, experiências acumuladas pelas culturas que acabam de morrer ou que estas potências matam (Serres, 1991, p. 41-42).

Guattari encerra a questão sobre o retorno (impossível) à natureza como lugar de um refúgio idealizado:

Certamente seria absurdo querer voltar atrás para tentar reconstituir as antigas maneiras de viver. Jamais o trabalho humano ou o hábitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas, depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto dos mercados. A aceleração das velocidades de transporte e de comunicação, a interdependência dos centros urbanos, estudados por Paul Virilio, constituem igualmente um estado de fato irreversível que conviria antes de tudo reorientar (Guattari, 1990, p. 24-25).

Considerações finais

Outros subtópicos poderiam ser elencados, mas parece que esses cinco já servem ao que foi proposto. É de crer que algumas possíveis ramificações para análise tenham sido indicadas nas entrelinhas, como a ideia da 'Natureza como local de cura', que intersecciona os motes propostos nos itens [1] e [3], aos quais ainda se poderia juntar o conto *Un sabato di sole, sabbia e sonno* (Calvino, 1998), ou então o tema da 'Poluição', ou da 'Busca por alimentos saudáveis e baratos' e não adulterados, entre tantos outros.

À sombra de tudo isso é interessante pensar que foi justamente na Itália que nasceu um movimento que vem se espalhando pelo mundo desde 1986, o *Slow food* (<http://www.slowfood.com/>), cuja política e filosofia comungam exemplarmente das proposições ecosóficas.

No escopo do pensamento de Guattari e Serres sobre a ecosofia e o contrato natural, que pode ser sintetizado na urgência pela busca da harmonia entre

as três dimensões ecológicas, pode-se entender que a personagem Marcovaldo representa uma busca ainda não paritária; encontra-se em um estágio de libertação e compreensão de si em relação ao meio que tende, na maioria das vezes, a excluir aqueles que o circundam, nomeadamente sua família. Talvez seja esse o gatilho para as consequências cômico-desastrosas que sobrevêm ao herói. Ele ainda não está em sintonia com os demais. Ou seria mais correto dizer que os outros é que ainda não estão em sua 'frequência'? Marcovaldo, ainda que desastrada e quixotesicamente – e aqui não se poderia imaginar de que outro modo poderia ser –, está trilhando o caminho que intui como o mais adequado para sua evolução psíquica e ecológica. E ninguém melhor que um cômico-lírico-melancólico, como um Quixote, um Carlitos ou um Marcovaldo para indicar caminhos alternativos em tempos de celebrada homogeneização.

Referencias

- Archer, M. (1956, 18 de maio). Renovação dos valores sentimentais. *O Estado de São Paulo*, p. 44.
- Benjamin, W. (1994). Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Calvino, I. (1998). Marcovaldo ovvero Le stagioni in città. Milano, IT: Einaudi Scuola.
- Calvino, I. (1994). *Marcovaldo ou As estações na cidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Garrard, G. (2006). *Ecocrítica*. (V. Ribeiro, trad.). Brasília, DF: Editora UnB.
- Glottfelty, C., & Fromm, H. (Ed.). (1996). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Athens, GR: University of Georgia Press.
- Guattari, F. (1990). As três ecologias. (M. C. F. Bittencourt, trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Serres, M. (1991). *O contrato natural*. (Beatriz Sidoux, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Received on October 6, 2016.

Accepted on August 7, 2017.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.